

NA  
PROVINCIA  
Trimestre 5 \$ 000

FORA DA  
PROVINCIA  
Trimestre 6 \$ 000



ANO 1º RIO GRANDE DO SUL 24 DE MAIO DE 1874 Nº 8



Amolador — Que novidades há pela corte Sebastião ?  
Sebastião — Orde ministerial, o JORNAL DO COMMERIO de 12 do corrente, dá a entender que breve temos ao poder, os nossos correligionarios políticos.  
Amolador — Os nossos correligionarios ! Então Sr. Sebastião nós somos ?  
Sebastião — Liberal, já se vê.  
Amolador — Ah ! páelle, então não sabes, que o nosso partido é a — Imparcialidade ? — Não vêes que isto de liberal e conservador, é tudo a mesma coisa.  
Sebastião — Neste caso, somos governistas.  
Amolador — Bomos o diabo ! Ora ahí está.

### Fraqueza de alguns homens célebres.

Quando se discorre sobre as innumeráveis descobertas feitas pelos homens em todos os seculos, é-se obrigado a curvar o joelho perante o rei da criação, — perante essa intelligencia, que não conhece obstaculos de natureza alguma, e que os vence ao contrario pela maior intemeridade, — perante o homem Deos, cuja grandeza se desenvolve em tantas das suas obras, como o reflexo do Ente eterno; de quem recebeu a vida e a magestade. Newton, Galileu, e Laplace terião sido entretanto homens mais que ordinarios nos olhos do vulgo; se se tivesse podido penetrar no interior da sua vida domestica; quantos homens, que nos parecem grandes vistos a través do prisma de gloria, que os circunda, participão de todas as miserias e fraquezas da humanidade, e são pequenos na realidade, quando se analisa uma parte de suas accões, e de seus juizos, que o mais simples bom senso basta para refutar! Quantos homens se elevarão acima do nivel dos outros por milhares de invenções, que exigião comprehensões, uma imaginação extracordinaria, e cabirão nos erros os mais grosseiros e os mais vergonhosos sobre cousas as mais simples e communs, ou não puderão preservar-se d'elles, porque a sua organisação, um certo não sei que, absolutamente independente da sua alma, se oppunha a isso com todas as forças; os que duvidarem desta verdade leão a seguinte enumeração de fraquezas e manias d'alguns homens célebres, de cujo merecimento ninguem duvida, e que reunirão em grão superior a mais brilhante intelligencia, e os mais absurdos préjuizos.

Asinius Polion, o mais fecundo escriptor romano, tinha certas horas no dia fixadas para o trabalho; passadas estas não trabalhava nem que o esfolassem; uma só vez que foi obrigado a fazel o, compoz a pagina mais vergonhosa que tinha escripto na sua vida, e rasgou-a immediatamente, para não manchar a gloria, que muitas das suas obras lhe tinham graugendo.

O célebre Buffon não podia escrever, nem mesmo uma carta, sem estar vestido de ponto em branco, e como se fosse para o baile.

Cujacio, famoso jurisculto, tinha uma maneira inteiramente indifferente: não podia trabalhar senão estirado no chão, com a barriga para baixo, em cima d'um tapete, e rodeado de livros.

O historiador Mezsrai não podia trabalharsenão com luz, mesmo no verão, e de dia; esquecendo-se até da existencia do sol, vinha sempre, ainda quando fosse meio dia, acompanhar as suas visitas, e alumial-as até a porta da rua; além disso, não dispensava, por fórma alguma, uma boa garrafa de vinho a ilharga.

Varillas, historiador tambem, viveu sempre na maior solidão; apesar de muito rico, e bastante pródigo, nunca teve luxo algum, nem em trastes, nem em factos; não podia tambem trabalhar senão de dia; em trinta e quatro annos, que viveu, não comeu uma só vez fóra de casa; desherdou um sobrinho por não saber orthographia; dizia que, de dez couzas que sabia, nove tinhão sido aprendidas na conversação.

O immortal Buyle, gostava tanto de bonecos, que apenas ouvia um charlatão no meio da praça, a apregoar as suas bugigangas, largava qualquer trabalho, de que estivesse a tractar, e furando por entre o povo se ia colocar ao pé do charlatão.

Thomaz, da academia franceza, não se levantava nunca antes do meio dia; meditava, compunha, e redegia até essa hora na cama, e com cortinas bem fechadas; depois levantava-se e escrevia.

Magliobecchi, celebre bibliothecario do grão-duque de Toscana, tinha costumes esquesitos. Passou oitenta annos no meio dos livros; a sua comida ordinaria não era senão ovos, pão, e agua; só duas vezes saiu de Florença, e para pouca distancia; o seu unico cuidado erão os livros, e as aranhas; andava sempre vestido porcamente, e cheio de pingos de tabaco.

Julio Cezar tinha um medo extraordinario de trovões; dizem alguns que para se livrar dos raios punha uma coria de louro na cabeça; outros dizem que era para cobrir a calva.

Jacques 2.º rei d'Inglaterra, punha-se a gritar quando via uma espada nua.

Henrique 3.º não podia ficar só em uma casa com um gato.

O tyranno Luiz 11.º, um dos maiores monstros que se tem visto, trazia sempre Nossa Senhora do chumbo amarrada ao chapéu.

Luiz 14.º não podia olhar para a torre de S. Diniz.

Uladiaslão, rei de Polonia, mudava de cor quando via uma maçã.

Mathridates acreditava nos sonhos; Marco Aurelio e Domiciano tinham a mesma fraqueza; Augus-

to igualmente, e nunca principiava a andar senão com o pé direito.

Socrates achou um presagio da sua morte em um verso de Homero, que se apresentou em sonho á sua memoria.

Hobbes não podia dormir sem luz, e tinha muito medo do diabo; de dia escreveu algumas vezes contra a existencia de Deus.

Pascal via sempre um precipicio á sua mão esquerda; e Tasso julgava muitas vezes ver o diabo á sua ilharga.

O cavalheiro Alcantara córara todas as vezes que ouvia pronunciar a palavra latina — *lana*.

O duque d'Epéron desmaiava á vista d'uma lebre.

O marechal d'Albret estava incommodado em um jantar, em que houvesse leitão.

Erasmo não podia soffrer o cheiro de peixe sem ter febre.

Ticho-Brahé, o famoso astronomo, sentia enfiar as pernas ao encontrar uma lebre, ou uma rapoza; e Scaligero tremia com todo o corpo vendo agriões.

O chanceller Bacon desfallecia todas as vezes que via um eclipse da lua.

Bayle ficava convulso quando ouvia o som que faz a agna saindo de uma torneira.

Lamothe-le-Vaier não podia soffrer o som d'instrumento algum, e gosava do mais vivo prazer ouvindo o estrondo do trovão.

Finalmente, Nicole não sabia á rua, receiando cabir-lhe na cabeça alguma telha, ou pedaço de parede.

(Estr.)

## GAIATICES.

### Carta de um padre á um capitão-mór.

Illm. Sr. capitão-mór das ordenanças da villa da Cachoeira e governador no seu tanto. *Ad te, Domine, levavi oculos meus.* Por cuja causa, magestoso senhor, vejo-me na proterva necessidade de pôr u a presença de V. S., para ver se a dór central, que me opprime á machina digestiva, me promete presagio; e por isso é o ponto pernicioso, o até virgula indispensavel, que felicite a V. S., em um quatro restrin-

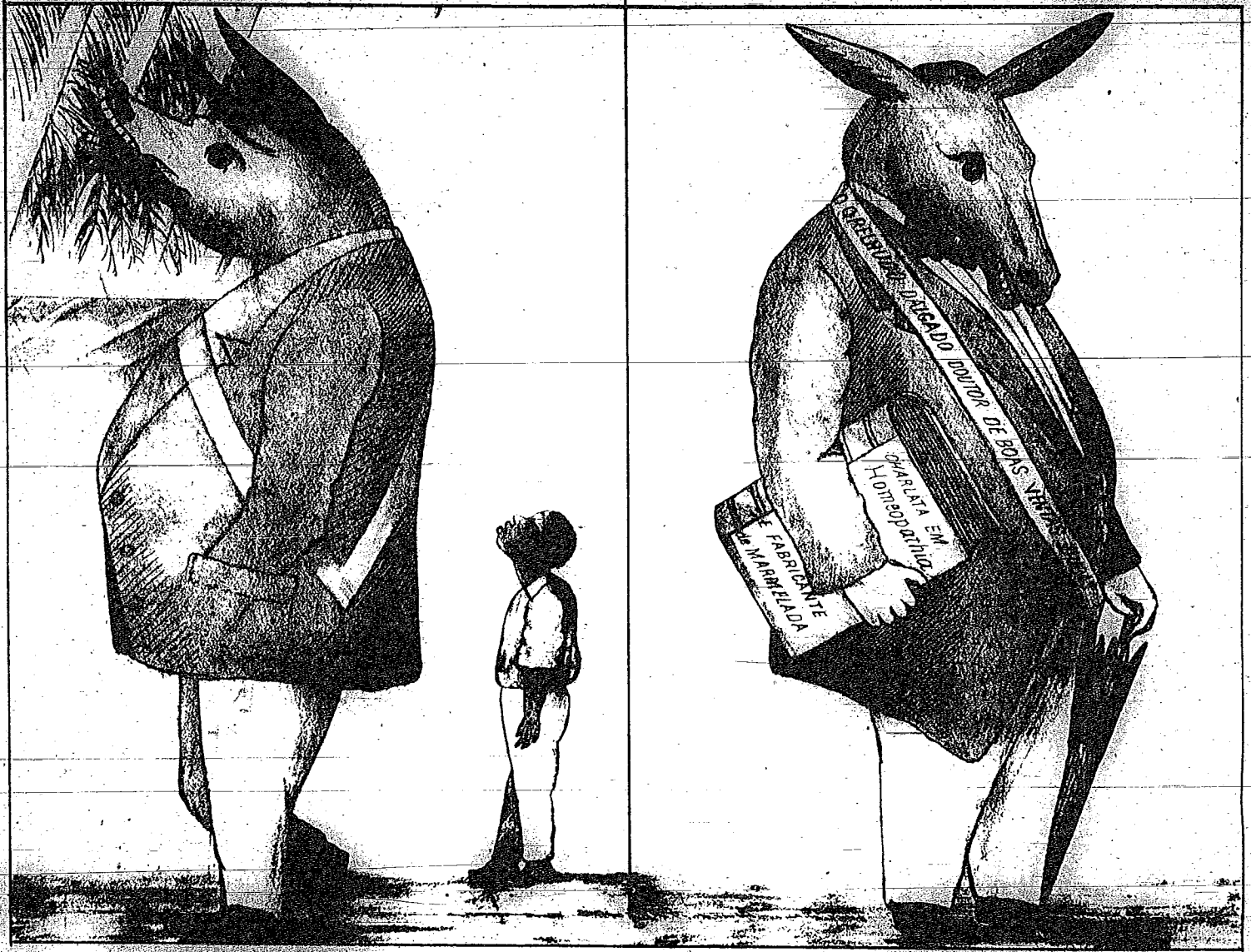
gente, a genealogia de meus antepassados, para V. S., ver a que alyo se dirigem as minhas letras. E' o caso: a defunta minha avó, sendo viva, e por ser muito viva teve, ou fizeram-lhe ter dois filhos de diferentes sexos; porque um foi varão macho, e outro foi varão fema; crescerão pozêrão-me adultos: o macho casou-se, e deste illicito ajuntamento nasci eu — *Resurrexit Dominus de sepulcro*: ficou a fema, de V. S. crenda, e minha tia, que antes não fora, porque damnando-se, já mais houve cathecismo que appropinquasse aquella cabeça de vento — *Quia ventus est vita mea*; e soltando as redeas dos-seus convicios, foi finalmente a balisa do evangelho — *A verte oculos tuos, ne videant vanitatem; e.....* deu á luz um menino macho — *qui vocatur Luiz Manoel*.

— Este é o progenitor do meu empenho, cresceu, pôz-se adulto este rapaz, e distinguio-se tanto nos assassinos de sua vida primordial, que não obstante os epithetos da sua prophelia mais agraciou-me o cumulo das minhas declamações foi visto dos impreteriveis ministros da justiça de V. S., e logo lhes cassarão a jurisdicção de virgular as suas accões, o quanto melhor seria que elle nunca fosse construido para não ser complicado de taes improperios? — *Qui utinam consensit essent, ne oculi mei viderent.* Está finalmente realisado para a tropa este meu primo, e a quem revoltarei senão a V. S.? A V. S. inculcarei do fundo de minha dór — *de profundis clamavi ad te, Domine*; eu imploro a V. S. a libertinagem deste meu primo para que, como meu amigo delle se compadeça — *miseremini mei, miseremini mei, saltem vos, amici mei.*

Aqui jaz neste Belém José Alves dos Reis com cinco filhos machos todos, elles são constructores do maldades, trazem esta republica da Belém vendida, não ha casa que não vituperem não ha quintal que não corrompão, e até a igreja *Domus mea, domus orationis* — elles a fazem espelunca *latronis*. E porque não ferio estes athletas ciculados na ordem de prisão? Foi logo o raio suster aquelle innocente José, vendido por seus irmãos; um rapaz propinquo, modico, neutral, benclacito, sinistro e bem reconduzido, que devera ser conservado no estado de celibato, para ser a pedra fundamental de seu paiz, — *Tu es Petrus, et super hanc petram edificabo ecclesiam meam.* Deos Guarde a V. S. muitos annos, etc.

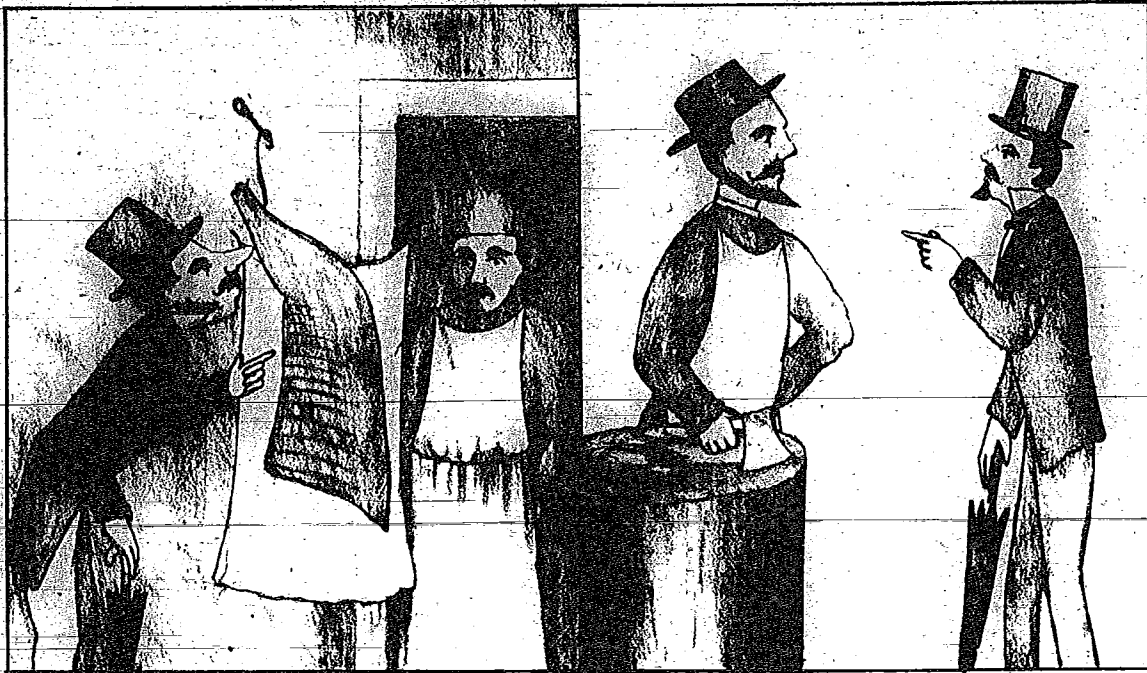
S. C., 18 de Maio de 1759. — De V. S. amigo e respeitador — Padre Gonçalo de Souza Coelho.

\*\*



— Sinto—morcego está ahí na porta, vem chamar p'ra Vmc.  
chegar a praça... para ver um doente.  
— Estica simoçando, quando acabar lá írol.

Ora muito bem, vamos visitar os olientes e vér se a tranqui-  
lidade publica foi alterada, elles dizem por ahí, o diabo a meus  
respeito; deixa-os fellar!



— Oh ! meu amigo, esta carne é de cachorro ?  
 — Não senhor, é de burro como Vmoe..... vê.

— Então com que os Srs. aumentarão o preço a carne verde ?  
 — Fomos coagidos a isso, e depois meu caro, a carne que vendemos hoje é madura.



Abençoada seja a boa gente do CORUMBÁ, tratarão-me perfeitamente bem, em tão poucos dias de viagem, engordei que não é brincadeira, ali comê-se, bebe-se, dorme-se e ronca-se, tudo a brasileira.

Malditos ingleses, se a viagem dura mais um dia, ficava fino como um palito, as comidas são feitas de propósito para os passageiros joguarem, infelizmente os Godêmas fazem o que querem no Brasil.

**Comprimeto estúpido.**

Certo individuo, querendo lisonjear a Alexandre Dumas, disse-lhe com a maior ingenuidade :

— Gosto tanto do ler-vos Sr. Dumas, que ainda hontem adormeci sobre um dos vossos volumes.

\* \*

**Razão de um cabo de esquadra.**

Dois recrutas conversavão. Esgotado o thema, começavão a bocejar até que um delles lembrou-se de perguntar ao companheiro :

— De qual gostas mais, do sol ou da lua ?

— Ora bravo ! gosto mais da lua.

— Porque ?

— Porque me esclarece á noite, e me impede de quebrar o nariz; ao passo que o teu sol só me apparece de dia.

Não parece razão de recruta, e sim de cabo de esquadra.

\* \*

**Lembrança feliz.**

Não achas engraçado ? Maricota escreve-me, e pedo-me que lhe responda; no entanto esquece-se de dizer-me onde mora.

— Pois escreve-lhe para que t'o declare.

\* \*

**Palitos economicos.**

— Rapaz, porque não puzeste palitos na meza ?

— Foi ordem do patrão por ter observado que os freguezes carregavão sempre com todos.

\* \*

**Colher economica.**

*Dona da casa.*— Maria já vos dice que não uzeis de minha prata no serviço da cozinha e agora vejo que mecheis o fricassi com uma colher de prata !

*Cosinheira.*— Mas, minha senhora, si ella estava suja !

*Martin.*

**DIFFERENTES AMOLAÇÕES.**

A' mocinha que namora  
E aos namoros dá bola,  
Vae-lhe cascando com alma...  
Amola !

A' uzura qu'expolia,  
Na desgraça tudo enrola,  
Rebolo com ella... e zás !...  
Amola !

Ao poeta apaixonado,  
Que dá mil tratos á bola,  
Fazendo versos á bella...  
Amola !

A' menina qu'inda aprende  
O —ABC— na escola,  
Porém que toda s'enfe'...  
Amola !

Ao peralta que fareja  
Uma noiva a ver se cõla  
Um bom dote, que o arranja...  
Amola !

A' mulher velhota e feia,  
Que s'enfeita e s'engaiola,  
Peneirando-se na rua...  
Amola !

A' solteira, que mauhoa  
Espertezas desenrola,  
Fazendo-se uma santinha...  
Amola !

Ao empregado que medra  
Da nação á parca smola  
E que levanta sobrados...  
Amola !

Ao que rebaixa as virtudes,  
As derroca e as assola,  
Sendo o primeiro no vicio...  
Amola !

A quem as leis do bom senso  
Calca aos pés e a viola...  
Não des quartel, vae-lhe dando...  
Amola !

Ao casado que se julga  
Nos tempos de rapazola  
E que sonha seducções...  
Amola !

A' viuva que se esqueco  
Do defunto e se consola,  
Dando sotta casa outro...  
Amola !

Ao c'roado velhaquete,  
De capa, batina, estola  
Se não andar direitinho...  
Amola!

A' casada que o marido  
Entre meiguices embola...  
E chora quando elle parte...  
Amola!

Ao fanfarrão militar,  
Qu'em bravatas é farçola,  
Dar-lhe p'ra baixo, é favor...  
Amola!

Ao charlata empertigado  
Não lages, anda na cola  
E se fizer mil proezas...  
Amola!

Ao mezario d'irmandades,  
Que na capa de caróla  
Vae fazendo o seu ganchinho...  
Amola!

Ao pobre, que pouco a pouco  
Vae cogulando a socóla  
Sem ter herdado um vintem...  
Amola!

Ao arlequin de partidos.  
Que é bom mestre em cabriola,  
Saltando d'aqui p'rali...  
Amola!

Porquesómente a virtude...  
Com essa jámais se bole...  
Preversidade e vicios...  
Amole!

Quem não quizer ser filado  
Nas baixezas não se atole...  
Tendo a razão por seu lado...  
Amole!

Não faça caso de gritos,  
Cada qual que se console...  
A'quelle que mais gritar  
Amole!...

Qu'esse mesmo é um culpado,  
Que um dos ossos não engole...  
Por isso deixe-o fallar...  
Amole!

E se julga que eu tambem  
Tenho o meu fraco, meu molle...  
Dê-me com alma e vontade...  
Amole, meu caro, amole!...

## Theatro Sete de Setembro.

A companhia dramatica, dirigida pelo o artista Furtado Coelho, representou na noite de quinta-feira a espirituosa comedia-drama em 3 actos, e que tem por titulo: *Por direito de conquista*.

A comedia incontestavelmente é escripta com muita intelligencia e cheia de verdade, moralidade e sentimentalismo.

A sua execução é uma das mais esmeradas que temos visto em nosso theatro.

Limitamo-nos a dizer que Furtado Coelho, é o talentoso artista, que sabe magistralmente desempenhar qualquer papel de que se encarregar, e d'isto deu-nos prova na exhibição da parte de Jorge, que com toda a naturalidade e conhecimento scenico, extasiou a platêa que freneticamente o applaudio em diversas scenas.

A Sra. Lucinda, desempenhou ingenuamente o interessante papel de Alice, é innegavel que esta actriz, em seu genero não encontra hoje, no theatro brasileiro quem a revalise.

A Sra. Joaquina de Castro, fez sobresahir o seu talento artistico, na parte de *Rendeira*, merecendo com justiça da nossa platêa a mais sincera demonstração de apreço, sendo applaudida em todas as scenas o chamada ao proscenio no fim do 2º acto.

E' esta uma das actrizes que trabalha com consciencia artistica por isso tem adquirido entre nós a mesma accitação que sempre teve nos theatros da cêrto.

A Sra. Maria Angelica trabalhou bêm, embora que o papel a seu cargo, não estivesse a character.

Encontrando um verdadeiro mestre em Furtado Coelho, mostrou os grandes recursos de que podia dispor.

Alfredo, Maria Lima, foram regularmente.

Se o ensaiador e director tivesse distribuido a parte de Marquez ao actor Araujo, por certo que agradaria mais este papel, que não deixa de ser importante executado por um artista intelligente como se presa ser o sympathico actor a quem nos referimos.

A comedia — *A criada impagavel*, já muito conhecida entre nós, correu regularmente, agradando o Sr. Phebo, que na execução do pequeno papel que desempenhou, revelou gosto especial para o comico.

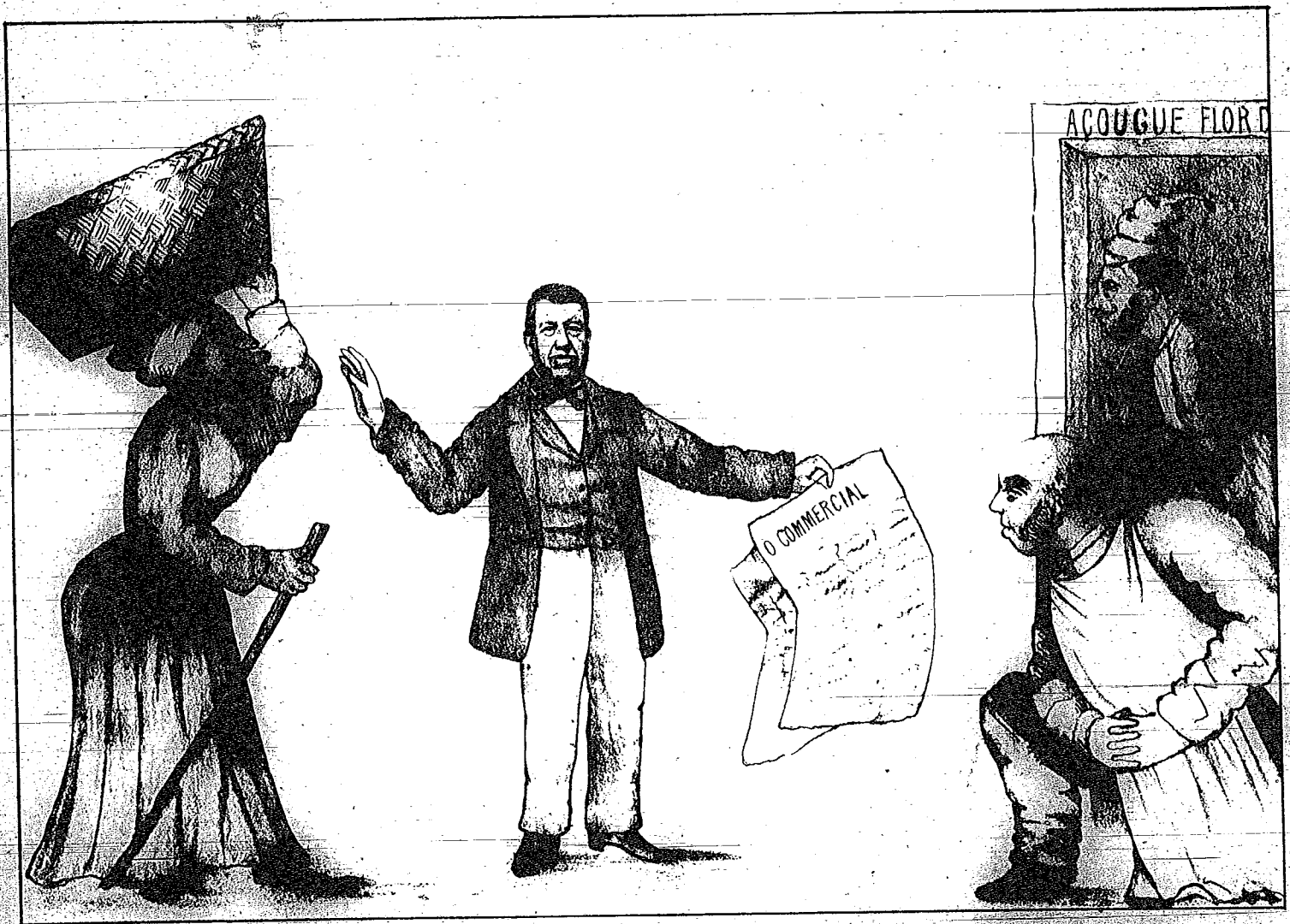
O espectáculo agradou geralmente e se a comedia — *Por direito de conquista* — subir, outra vez a scena dará uma enchente real.

## ALFIMETADAS.

A 1ª ill. de amigos, perdoamos-lhe Sr. de Ferrabraz.  
— L. L. de Sr. de boas venturas, mais outro real, não assim?

Felizmente S. S. tem moralizado o Rio Grande. No proximo de anno, os affinetes trabalharão com todo o esmero.

Typ. do Amolador, rua dos Principes n. 22, sobrado



— Nhôhô vem pedi vuçes pra fará a franvê de nosso turo pobre, que não pôre comê crane a doi tutfo o giro, tá muito caro.

— Pedimos para que o redactor não nos guerreie e veja quantos kilos de carne quer que lhe mande diariamente.

Redactor — Não vendo a minha consciencia, e continuarei a defender o direito do povo, pelas columnas do meu conceituado T'Amem, descança minha velha, que farei com que as cousas voltem ao seu estado natural.